

Funaro: renegociação

Div. Externa 19 FEV 1987

começa semana que vem

BRÁSILIA
AGÊNCIA ESTADO

O Brasil retomará a renegociação formal da dívida externa com os bancos credores na próxima semana e não partirá para uma minimoratória, informou ontem o ministro da Fazenda, Dílson Funaro. O ministro também garantiu que o Banco Central não decretará a centralização cambial, "porque o Brasil trabalha com reservas suficientes e não precisará aplicar nenhuma medida como no passado".

O reinício dos contatos com os bancos será conduzido, provavelmente, pelo presidente do Banco Central, Francisco Gros, que ontem permaneceu o dia inteiro reunido com Funaro. Os dois estiveram reunidos por cinco horas durante a manhã, acompanhados pelo diretor da área Externa do Banco do Brasil, Adroaldo Moura da Silva, e os assessores mais importantes de Funaro.

As presenças e a duração da reunião fizeram aumentar as especulações sobre a decretação imediata da centralização cambial. As expectativas cresceram quando Funaro e Gros saíram do Ministério da Fazenda por volta das 14 horas, dirigindo-se ao Palácio da Alvorada, onde o presidente José Sarney e o embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira, os esperavam para o almoço.

De volta do almoço, enquanto Gros evitava mais uma vez os repórteres, Funaro desmentiu a decretação da centralização cambial. Ele garantiu que as reservas cambiais do País estão nos mesmos níveis do final de dezembro passado (entre US\$ 3,8 e US\$ 4 bilhões), "suficientes para que o País não pense em centralização".

Funaro explicou que as reuniões serviram apenas para uma avaliação da situação da dívida externa e para que fosse traçada uma estratégia de renegociação. Informou que já havia jantado na terça-feira, em sua residência, com o embaixador, onde ouviu um relato dos contatos que Moreira fez nos Estados Unidos com banqueiros credores do Brasil.

O ministro ressaltou que o caminho a ser adotado pelo País será o da negociação. O Brasil tentará reduzir suas remessas anuais a título de ser-

viço da dívida externa e "não partirá para medidas unilaterais como a decretação de uma moratória". Reafirmou que o País tentará obter dinheiro novo com os bancos internacionais e que "o crescimento brasileiro é inegociável". Negou ainda a necessidade de um "empréstimo ponte" que viria cobrir a redução dos superávits comerciais e das reservas cambiais.

CRISE CAMBIAL

Apesar de Funaro ter negado a centralização cambial, assessores do ministro que tiveram acesso indireto às reuniões de ontem confirmaram que o assunto foi abordado. Estes auxiliares observaram que a estratégia da renegociação foi o tema central, mas que a crise cambial tomou grande parte das discussões, especialmente de manhã, quando o vice-presidente de Operações Externas do Banco do Brasil participou do encontro.

Os auxiliares do ministro lembraram que, em 1982, quando o Brasil adotou a centralização cambial, as agências do Banco do Brasil no Exterior foram utilizadas como centrais de remessas de divisas. A presença de Adroaldo Moura da Silva pode ser interpretada como um indicio forte de que o governo pode adotar a mesma sistemática agora.

A expectativa em torno da decretação da centralização cambial prosseguiu depois do contato de Funaro, com os repórteres. Ele e Gros continuaram reunidos com o assessor especial de Funaro para assuntos externos, Paulo Nogueira Batista Junior, e o secretário especial de Assuntos Econômicos da Fazenda, Luiz Gonzaga Beluzzo. No final da tarde, Antônio da Pádua Seixas, diretor da dívida externa do BC reintegrou-se ao grupo que ainda permanecia reunido no meio da noite.

ITAMARATY

O embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira, que ficou no País menos de 24 horas, não esteve no Palácio do Itamaraty, para falar com o chanceler Abreu Sodré. Ele manteve um único contato com o ministro das Relações Exteriores, por telefone, às 15h30, segundo informou o porta-voz, Ruy Nogueira.